

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UM ELO POSSÍVEL POR MEIO DA OBRA “O
QUINZE”, DE RAQUEL DE QUEIROZ**

GEOGRAPHY AND LITERATURE: A POSSIBLE LINK THROUGH THE NOVEL [O
QUINZE] “1915”, BY RAQUEL DE QUEIROZ

GÉOGRAPHIE ET LITTÉRATURE: UN LIEN POSSIBLE À TRAVERS L'ŒUVRE
«L'ANNÉE DE LA GRANDE SÉCHERESSE», PAR RAQUEL DE QUEIROZ

Rafael Alves de Freitas¹

Marcela do Nascimento Padilha²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo geral discutir as possibilidades de utilização de obras literárias no ensino de Geografia. Assim, falaremos inicialmente sobre a trajetória da Geografia enquanto ciência, discorrendo sobre os problemas que a mesma vem enfrentando ao longo dos anos. Posteriormente consideraremos a correlação existente entre Geografia e Literatura, apontando as contribuições que esse segundo campo de estudo pode trazer para as aulas de Geografia. Portanto, de posse dessas discussões iniciais, o objetivo específico é darmos ênfase à obra literária – “O Quinze” de Raquel de Queiroz, pelo viés do regionalismo nordestino, representado pelo fenômeno natural – “SECA”, e como o professor pode se apropriar dessa obra como objeto de estudo geográfico para a sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Literatura. Raquel de Queiroz. O Quinze. Seca.

Abstract: This work aims to discuss the possibilities of using literary works to teach Geography. Thus, we will be initially speaking about Geography’s trajectory as a Science, discussing the problems that it has been facing over the years. Later we will consider the existing correlation between Geography and Literature, pointing out the contributions that this second field of study can bring into Geography classes. Therefore, in possession of these initial discussions, the specific objective is to emphasize the literary novel - [O Quinze] “1915” by Raquel de Queiroz, through the bias of northeastern regionalism, represented by the natural phenomenon - “DRY SEASON”, and how the teacher can take ownership of this work as an object of geographic study for its pedagogical practice.

Keywords: Geography teaching. Literature. Raquel de Queiroz. [O QUINZE] “1915”. Dry Season.

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (2019). Membro do grupo de estudos em Biogeografia e Dinâmicas da Paisagem pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Rio de Janeiro/RJ. E-mail: uerj.raf@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8930068948483741>. Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-9050-5939>.

² Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2011). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro/RJ. E-mail: marcelapadilha.uerj@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0563073832246957>. Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-9849-3899>.

Résumé: Ce travail vise à discuter des possibilités d'utilisation des œuvres littéraires dans l'enseignement de la géographie. Ainsi, nous parlerons initialement de la trajectoire de la géographie en tant que science, en discutant des problèmes auxquels elle a été confrontée au fil des ans. Plus tard, nous examinerons la corrélation existante entre la géographie et la littérature, en soulignant les contributions que ce deuxième domaine d'études peut apporter aux cours de géographie. Par conséquent, en possession de ces discussions initiales, l'objectif spécifique est de mettre l'accent sur l'œuvre littéraire - «L'année de la grande sécheresse» de Raquel de Queiroz, à travers le biais du régionalisme du nord-est, représenté par le phénomène naturel - «SÉCHERESSE», et comment l'enseignant peut s'appropriier ce travail comme objet d'étude géographique de sa pratique pédagogique.

Mots-clés: Enseignement de la Géographie. Littérature. Raquel de Queiroz. L'année de la grande sécheresse. Sécheresse.

Introdução

A educação se constitui como um dos pilares essenciais para a formação de cidadãos críticos e atuantes nas tomadas de decisões no âmbito da sociedade. No que se refere às mudanças e permanências na área educacional, diversos fatores têm criado a necessidade de um novo posicionamento diante de muitos desafios encontrados diariamente na profissão docente, nos levando muitas vezes a uma ruptura de métodos tradicionais, avançando rumo a uma abordagem mais ampla dos recursos didáticos nas aulas de Geografia.

Nesse contexto, a utilização de obras da Literatura brasileira enquanto um recurso didático vem a ser apresentada como um método renovador, tendo em vista que virá a contribuir para um crescimento na aprendizagem dos alunos em vários aspectos. Essa renovação parte da necessidade do professor de usar recursos não necessariamente da Geografia - embora não apenas isso -, mas se apropriando deles, a fim de gerar uma interdisciplinaridade entre as diferentes áreas, o que é de suma importância quando se fala de método renovador de ensino.

Assim, existe uma conexão entre Geografia e Literatura, pois as obras literárias na sua grande maioria retratam a realidade vivida por uma determinada sociedade em um tempo e espaço determinado, bem como suas necessidades e anseios, dentro do contexto histórico-geográfico das quais elas pertencem. Com isso, essa conexão possibilitará um melhor entendimento de conteúdos geográficos por parte do discente, pois podem ter aproximação com a realidade dele, cabendo ao professor à utilização da melhor obra literária que se enquadre com essa realidade. Aqui propomos a obra “O Quinze”, de Raquel de Queiroz e que pode ser trabalhada dentro da perspectiva do regionalismo nas escolas do Nordeste, onde a Caatinga se faz presente. Contudo, não queremos criar modelos prontos e acabados e muito menos engessados.

Dessa forma, na elaboração do presente trabalho se fez necessário um levantamento bibliográfico dos autores que discutem as temáticas do ensino de Geografia. Em seguida foram expostas e discutidas suas considerações e propostas a respeito do assunto, apontando as contribuições que a Literatura brasileira pode trazer para uma ampla discussão dos conteúdos geográficos escolares.

Por isso, na busca de proporcionar um melhor entendimento do presente trabalho, o mesmo foi estruturado de forma em que abordaremos brevemente questões referentes ao ensino de Geografia dentro de uma perspectiva histórica, ao elo existente entre a referida ciência e a Literatura e as representações geográficas do regionalismo nordestino por meio da seca, encontradas no livro *O Quinze*, de Raquel de Queiroz.

Em suma, a proposta metodológica apresentada no referido trabalho justifica-se como uma busca de transformação e renovação das aulas da disciplina de Geografia, rompendo com o tradicionalismo e avançando rumo a uma aprendizagem mais sólida, estabelecendo uma ponte entre conteúdos geográficos abordados nos livros didáticos, as temáticas discutidas nas obras literárias e a realidade em que o aluno está inserido.

Tecendo considerações sobre a Geografia escolar: uma breve contextualização histórica

A educação é o ponto de partida para o crescimento intelectual dos indivíduos, propiciando aos mesmos a oportunidade de uma melhor aprendizagem. Na atualidade a sociedade está passando por várias transformações, que têm exercido fortes influências no campo educacional. Esse dinamismo tem exigido uma educação mais crítica e humanizada, voltada para as necessidades cotidianas dos indivíduos, sendo esta um ato libertador e transformador.

Partindo do pressuposto de que a Geografia é uma ciência social, que trabalha também com os fenômenos naturais, tendo como seu objeto de estudo o espaço geográfico, entendemos que, enquanto ciência a Geografia deve contribuir para pensar o espaço de uma maneira ampla e completa, como fruto das relações do homem com o meio natural (NÓVOA, 2002).

Com isso, compreendemos ser o espaço fruto das relações sociais, sendo este também erguido a partir das necessidades da sociedade atual (SANTOS, 2006). A Geografia ao longo de sua trajetória passou por diversas mudanças, assim para Nóvoa (2002), ela é um dos

conhecimentos mais antigos que existem, contudo, inicialmente seu conhecimento não era considerado científico, só posteriormente é que a Geografia se estabelece como ciência.

Segundo o mesmo autor (2002) foi por volta de 1930 que ocorreram grandes transformações na Geografia, com a institucionalização dessa ciência, a partir da criação dos cursos superiores na formação de professores. Contudo o ensino de Geografia possuía um caráter nacionalista, mnemônico e de nomenclatura, ou seja, o aluno decorava nomes de rios, os aspectos físicos de uma forma geral, sem nenhuma conexão com sua vida, com seu cotidiano. Apesar dos avanços, as estruturas metodológicas que enraizavam a disciplina não proporcionavam o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a realidade vivida.

Conforme Paraíba (2010), e ratificando essa ideia, a Geografia buscou desenvolver um ideal nacionalista, descaracterizando o saber geográfico e fornecendo à disciplina escolar um caráter mnemônico e acrítico, muito em virtude da sociedade brasileira que demandava esse posicionamento em relação à disciplina escolar. Posteriormente, na década de 70, essa problemática se intensifica, pois com o advento do período militar, a Geografia é abolida do currículo escolar, unindo-se à História, e assim formando os Estudos Sociais, disciplina sem conteúdos ou tradição definida, limitando o ensino geográfico a tão somente o que interessava ao Estado (NÓVOA, 2002).

Nesse período a educação no Brasil é voltada para a formação de mão-de-obra e, para suprir o mercado de trabalho, ocorre então à supervalorização da técnica em detrimento do humanismo. Os conteúdos abordados em sala de aula apontavam para um país cheio de belezas e recursos naturais, com o intuito de maquiagem as desigualdades sociais e repressões políticas.

Já na década de 1980, com as críticas à configuração social, tanto em nível nacional quanto global, viu-se a necessidade de uma renovação do saber geográfico escolar, surgindo assim a Geografia Crítica, que objetivava a formação de cidadãos ativos e críticos. Essa reestruturação no Brasil ocorreu primeiramente na escola, sendo fruto dos debates que ocorriam nas academias.

Por volta de meados da década de 1990, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, um documento que buscava unificar o currículo escolar em âmbito nacional. Nos PCN's as propostas para o ensino de Geografia apontavam para mudanças significativas, em que o aluno passava a ser visto como um ser autônomo, capaz de construir o seu próprio

conhecimento. Segundo Paraíba (2010), tais discussões mostram como o saber geográfico escolar está relacionado com diversas configurações sociais em tempos diversos.

Geografia e Literatura: uma reflexão geográfica por meio das obras literárias

Pode-se evidenciar que a perspectiva pós-moderna do processo de ensino-aprendizagem é caracterizada por elementos como: interdisciplinaridade, multiculturalismo, diversidade metodológica e didática, dentre outras questões. Mediante esta demanda para o ensino de Geografia, deve-se reconhecer que a compreensão sobre determinado conteúdo, requer, acima de tudo, a contextualização dos objetos de conhecimento e suas ligações com a prática humana.

Assim, um ensino renovador deve ultrapassar as barreiras do tradicionalismo, e alcançar o aluno na realidade vivida por ele, sendo necessário buscar novas fontes de conhecimento, objetivando ampliar e enriquecer as aulas de Geografia. Para Pontuschka (2009), a interdisciplinaridade, tendo muitas vezes a Literatura como foco, cria oportunidades objetivas de trabalho que merecem ser mais bem exploradas na educação.

As obras literárias possibilitam um vasto conhecimento ao leitor, sendo uma leitura que além de prazerosa, tem maior facilidade em despertar a curiosidade dos alunos, pois tratam de narrativas, com enredos que muitas vezes possibilitam o conhecimento do que até então era desconhecido por eles. Para Pontuschka (2009, p. 237),

A literatura dá prazer. A palavra é importante. Como se tem prazer ao sentir a harmonia de um quadro ou uma música. Há professores que só trabalham essa parte, mas a literatura é muito mais que isso. Por ela, os alunos podem descobrir também toda grandeza existente nos homens, para que saibam que essa grandeza existe neles igualmente.

Através da Literatura brasileira o aluno poderá de algum modo relacionar as informações contidas no texto literário com o seu mundo real. Zilberman (1994, p. 24) afirma que “através do conto de fadas, da reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas ou do relatório de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades”. Portanto,

A compreensão do texto literário torna-se possível não só pelo auxílio da teoria literária, a ser trabalhada com os alunos a fim de fornecer-lhes um instrumento, como também pela quantidade e pelo aprofundamento de informações sobre o

contexto em que se dá a trama vivida pelas personagens (PONTUSCHKA, 2009, p. 237).

Nesse sentido, a Literatura ao apresentar descrições de paisagens, lugares e regiões, possibilita uma leitura geográfica da obra, contribuindo de forma significativa para a aprendizagem crítica da Geografia.

A Literatura retrata de alguma forma a realidade do leitor e trata de assuntos que têm significado para ele, despertando-o para o prazer de ler. Antunes (2005, p. 17), afirma que “na verdade, o prazer de ler se estabelece quando a relação livro/leitor adquire significado para sua vida, atende a seus interesses”. Compreende-se, com isso, que para despertar no aluno o interesse pela leitura é preciso trabalhar com assuntos que têm significado para sua vida.

A Literatura é fonte de reflexão pessoal e torna o leitor diante do mundo um ser mais crítico. Segundo Held (1980, p. 234) — “[...] A Literatura fantástica e poética é antes de tudo e indissociavelmente, fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fontes de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigente e, pois, mais críticos diante do mundo”. Com isso percebe-se o quanto o campo da Literatura é amplo.

Mediante estes enfoques, trabalhar a Geografia a partir de obras literárias regionais torna-se uma importante estratégia metodológica e didática, no sentido de propiciar ao aluno a compreensão dos aspectos geográficos a partir de um contexto literário, que por sua vez está repleto de detalhes e questões referentes à Região, mas que podemos também trabalhar com outros conceitos-chave da Geografia.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Brasil (1998) a Geografia da atualidade é caracterizada pela busca de um trabalho interdisciplinar, a qual tem lançado mão de outras fontes de informação e que a relação da Geografia com a Literatura tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura do espaço e da paisagem.

Logo,

A capacidade de produzir arte faz parte daquilo que torna o homem único. A ciência moderna, no entanto, tratou de dissociar arte de pensamento e, com isso, ciência de arte. A Geografia, enquanto ciência moderna respeitou essa separação, embora em certos momentos tenha se utilizado de descrições artísticas como ilustração para seus trabalhos, em especial as literárias. Nas reestruturações epistemológicas contemporâneas, no entanto, reconduzir a Geografia para seu encontro com a Arte é tanto necessário quanto imprescindível para seu desenvolvimento. Isso não ocorre apenas pela incorporação da arte como documento, mas sobretudo, como símbolo e marca de um espaço-tempo cultural (MARANDOLA JR, 2008, p. 01).

Teixeira (2009, p. 02), ao tomar por base os PCN's acredita que "é possível aprender Geografia pela leitura de autores brasileiros consagrados — Aluísio Azevedo, Castro Alves, Lima Barreto, Machado de Assis, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros". A autora salienta que as obras destes autores retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais, acrescentando que a Literatura constitui-se um importante meio para o entendimento do espaço geográfico como construção histórica.

É preciso levar em consideração que os professores de Geografia devem, ao utilizar metodologias diferenciadas como por meio das obras literárias, estabelecer critérios objetivos que possam ir ao encontro das necessidades de aprendizagem dos alunos, devendo, portanto, reconhecer previamente as particularidades dos processos sócio-históricos e culturais do estudo regional que se sobressaem nas obras literárias.

Mediante estes aspectos, Teixeira (2009, p. 05) acrescenta que "Literatura, embora ainda seja pouco utilizada nas análises do espaço geográfico, tem sido apontada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como possibilidade interdisciplinar com a Geografia". Em suma, a referida autora deixa clara a necessidade emergente de se investir em novas formas de regionalismos e a utilização de novas técnicas adequadas à particularidade da região, no sentido de apresentar o meio onde o aluno está inserido de forma prazerosa e motivadora.

Apontamentos sobre a obra "O Quinze" e o olhar de Raquel de Queiroz

Por todas as reflexões feitas até aqui, e de posse da obra – "O Quinze", de Raquel de Queiroz, oportunizamos um conhecimento, tendo na referida obra como recurso didático, que se mostra um rico instrumento para as aulas de Geografia. Assim, abordaremos alguns aspectos inerentes ao conhecimento geográfico, como por exemplo, a seca e suas consequências, dando enfoque a forma como o homem sertanejo lida com esse fenômeno natural e social que castiga parte da região Nordeste do Brasil.

Raquel de Queiroz nasceu na cidade de Fortaleza – CE, no ano de 1910, e escreveu várias obras, das quais duas se passam no próprio estado do Ceará, sendo elas: "O Quinze" e "João Miguel". A autora foi a primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, e faleceu no ano de 2003 na cidade do Rio de Janeiro.

O gênero literário em que essa obra (O Quinze) se classifica é o narrativo, que se caracteriza também por ser épico, sendo formado geralmente por romances, crônicas, contos,

entre outros. Welck e Warren (2003, p. 306) tecendo considerações sobre o assunto, expõem que os gêneros literários “podem ser considerados imperativos, institucionais que coagem e são coagidos pelo escritor”. Com isso compreendemos que os gêneros são acurados a partir daquilo que é escrito esteticamente pelo autor.

Coutinho (2007, p. 66), admite que “os gêneros literários podem ser classificados em quatro grupos, sendo eles: Literatura Narrativa (ficção e epopeia), Literatura Dramática (tragédia e comédia), Literatura Lírica e Literatura Ensaística”.

Ainda falando sobre algumas características das obras literárias, se faz necessário entender que cada uma delas está introduzida em um determinado contexto temporal e histórico, dessa forma os autores depositam em seus escritos muitos dos fatos e peculiaridades da época em que vivem.

Assim, Coutinho (2007) esclarece que as escolas literárias são divididas de forma didática da seguinte maneira: Renascimento - que vai do século XV ao XVI, Barroco - do século XVI ao XVII, Neoclassicismo – séculos XVII e XVIII, Romantismo - séculos XVIII ao XIX, Realismo/Naturalismo - séculos XIX ao XX, e por fim o Simbolismo e o Modernismo que compreendem o final do século XIX e todo o XX. Cada uma dessas escolas possui peculiaridades e aspectos próprios do seu tempo.

Dessa forma, “O Quinze” se classifica como uma obra modernista, sendo esse um romance da década de 30. Na sua definição sobre o Modernismo o autor (2007) supracitado afirma que,

A Literatura moderna no Brasil é o que se denomina o Modernismo, termo que se vai fixando na historiografia literária para designar o período estilístico inaugurado com a — Semana de Arte Moderna (1922) e vindo até os dias presentes. Modernismo, assim, não é apenas o movimento restrito à semana de 1922, mas abrange toda a época contemporânea. A palavra “Modernismo” já havia sido usada antes por José Veríssimo, na sua História da Literatura Brasileira. Mas o conjunto de ideias por ele assim caracterizado é o que constitui as correntes do positivismo, transformismo, evolucionismo, materialismo da época realista e naturalista. Então a expressão não pegou, ficando Realismo e Naturalismo para designar aquele período, enquanto se passou a usar Modernismo em referência à época iniciada pelo movimento de 1922 (COUTINHO, 2007, p. 247-248).

Com isso, compreendemos que o Modernismo, período literário que compreende toda época hodierna, trouxe novas formas e novas dimensões estéticas que revolucionou o campo literário. Seu ponto de partida foi na Semana de 1922, momento este em que esse movimento deixa de ser apenas um estado de espírito e decola rumo a novas mentalidades no campo literário, fincando assim suas raízes.

Diante do exposto, entendemos que a Literatura moderna vem buscando novas perspectivas nos registros literários, onde através das obras é possível perceber os diferentes momentos que a sociedade vivia, sendo muitas vezes o enredo delas.

No que compreende as características da obra literária “O Quinze”, de Raquel de Queiroz, ainda se faz necessário afirmar que se trata de um romance regionalista. Miguel (1973, p. 179) assegura que: “a Literatura regionalista estuda as particularidades linguísticas de uma determinada obra, em uma região geográfica específica, decorrente da cultura lá existente”. Nesse sentido é propício dizer que a obra supracitada retrata a vida dos sertanejos nordestinos diante de uma grande seca de 1915, denotativamente ilustrado pelo título da obra de Queiroz.

No livro “O Quinze”, podemos ver o dilema do homem do campo no interior da região Nordeste do Brasil, diante de um fenômeno natural devastador que foi a grande seca de 1915. Ainda tratando do tema, Albuquerque fala,

Em O Quinze sua obra de maior repercussão, Raquel fala do drama pessoal e coletivo vivido pelos cearenses com a seca de 1915. Ela aparece como uma fatalidade que desorganiza toda a rotina da sociedade sertaneja, que leva ao dilaceramento das relações tradicionais de produção e de poder, bem como dos códigos sociais e morais (ALBUQUERQUE, 2006, p. 142).

Na obra literária em questão, a história se passa na sua grande maioria na região próxima de Quixadá – CE. “Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó [...] no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá” (QUEIROZ, 1977, p. 05), bem como na capital do estado, a cidade de Fortaleza. No livro a temática da seca é bastante abordada pela autora, que por ser sertaneja provavelmente também vivenciou o drama da falta de água e suas duras consequências. Nesse romance, Raquel de Queiroz explorou o significado da seca na vida do povo nordestino, e soube ilustrar os efeitos deste fenômeno climático à vida de seus personagens, conseguindo desta forma, mostrar ao leitor o quão significativo e relevante é este fenômeno.

Com isso, vários personagens fazem parte deste enredo, totalizando 21, sendo que para alguns é dado um enfoque maior, como é o caso de Conceição, jovem professora que tinha um pensamento à frente do seu tempo. Morava na capital cearense, mas vinha passar as férias na fazenda da avó na região de Quixadá. Outro personagem importante é Vicente, moço que morava na fazenda junto com os pais e vivia para cuidar do gado. Durante o período da seca descrito no livro o mesmo sofre muito para conseguir salvar o máximo de gados possíveis, e

era apaixonado por Conceição, mas ao longo da narrativa os dois são separados pelas diferenças culturais/intelectuais. Ainda encontramos na obra a personagem Dona Inácia, avó de conceição, que vivia na fazenda, a mesma demonstra ter um grande apego ao lugar, e sofre muito quando se vê obrigada a deixar suas raízes devido à devastadora seca.

Por fim, temos Chico Bento, Cordulina e seus filhos que fazem parte de uma família de retirantes que devido à falta d'água ficam sem condições de sobrevivência naquela região, sendo obrigados a migrarem para outro lugar. Ao longo desse percurso passam fome, sede e veem a morte de um de seus filhos.

A representação da seca no livro/romance (O Quinze): uma proposta didática

O semiárido nordestino é marcado por esse fenômeno natural - seca, que com seus efeitos nocivos ao longo dos anos têm provocado grande devastação na região. A temática da "seca" está presente em vários livros didáticos, fazendo parte dos muitos conteúdos inerentes à disciplina de Geografia. Trabalhar esse assunto em sala de aula utilizando como contribuição uma obra literária trata-se de uma busca de renovação no ensino, com intuito de que através da Literatura, o aluno venha conhecer melhor o contexto em que esteja inserido, as características naturais de sua região e o modo como a sociedade vem ao longo dos anos lidando com as consequências deste fenômeno.

A seca passou a ser considerado problema para o Brasil a partir de 1877. Nesse ano houve uma grande estiagem que se estendeu até 1879. Assim, esse fenômeno teve uma grande repercussão nacional e atingiu os proprietários de terra e a partir daí a seca tornou-se um problema nacional. Para Silva (2008, p. 19),

As secas são características tanto pela ausência e escassez quanto pela alta variabilidade espacial e temporal das chuvas. Não é rara na história da região a sucessão de anos seguidos de seca. No entanto, a limitação hídrica ocorre anualmente devido ao longo período seco que leva a desperenização dos rios e riachos endógenos.

Ainda tecendo considerações sobre a irregularidade climática da região, Ab'Sáber ressalta que,

Na sequência dos anos acontecem alguns dentre eles em que as chuvas se atrasam ou mesmo não chegam, criando os mais diferentes tipos de impactos para a economia e as comunidades viventes nos sertões. Nesse sentido, a literatura de ensaios e de ficção – elaborada por alguns dos mais sensíveis intelectuais de nossa terra- vem apresentando aos olhos da nação brasileira o diabólico drama social que impera nos sertões secos do nordeste (A'b SÁBER, 2003, p. 91- 92).

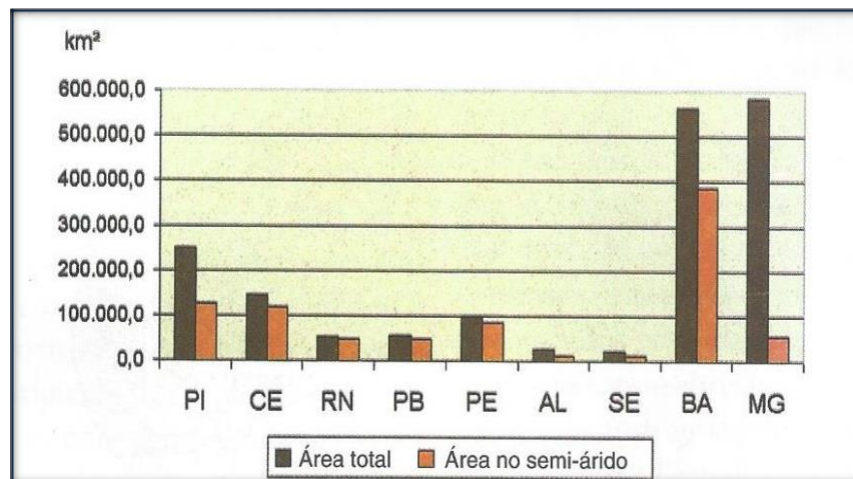
Associado a isso (AB'SABER, 2003, p. 21),

Do ponto de vista climático, a região semiárida se caracteriza por forte insolação, baixa nebulosidade, elevadas taxas de evaporação, temperaturas constantes e relativamente altas e pelo regime de chuvas marcado pela escassez, irregularidade e concentração das precipitações num curto período de aproximadamente três meses.

Entendemos dessa forma que a região do semiárido possui características climáticas próprias de uma região marcada pela irregularidade das chuvas. Trata-se também de uma área de forte insolação, onde, quando a escassez de chuva é muito demorada, ocorrem às secas, uma realidade que faz parte do cotidiano do homem sertanejo.

O Gráfico 01 apresentado nos mostra a área total dos estados atingidos pela seca, como também a área inserida no semiárido.

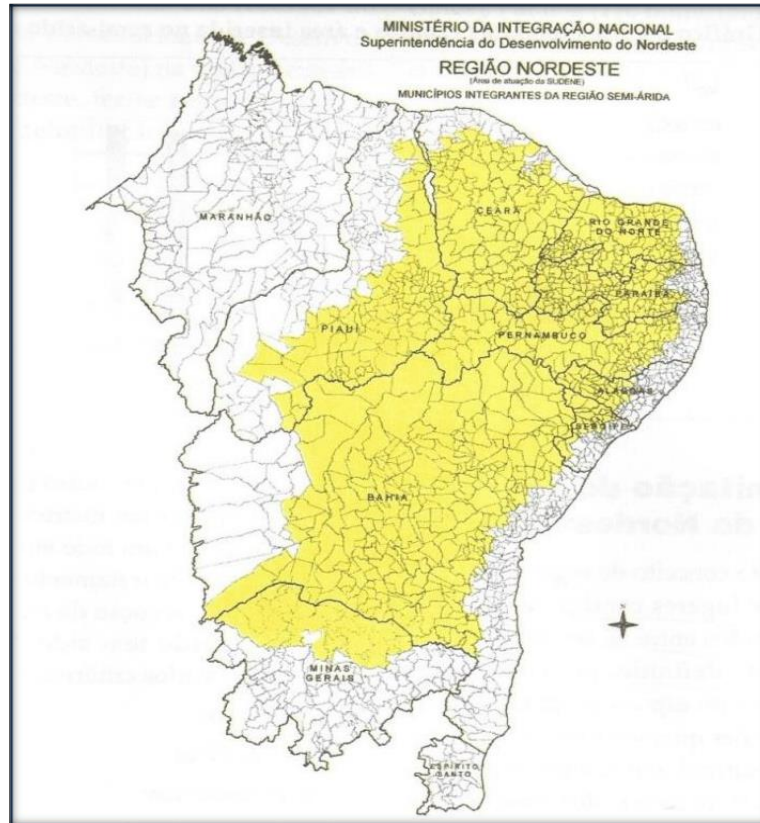
Gráfico 01- Área total dos estados e área inserida no semiárido



Fonte – AB'SABER, 2003.

A partir da observação do Gráfico 01, se faz necessário ressaltar que oito dos nove estados da região Nordeste estão inseridos no semiárido (exceto o Maranhão), além de algumas áreas do estado de Minas Gerais. E curiosamente, observamos também que o estado do Ceará é o que apresenta a maior área inserida no semiárido, se compararmos com a área total do estado – Importante frisar que o Ceará é o “ambiente” onde ocorre a trama do livro “O Quinze”. O Mapa 01 adiante mostra com mais clareza a área abrangida pela mancha semiárida.

Mapa 01- Municípios integrantes da região semiárida



Fonte – AB’SABER, 2003.

A existência de uma mancha semiárida em um continente com características tropicais, altas temperaturas e umidade elevada, tem razões relativamente complexas, estando relacionada ao relevo, ao Planalto da Borborema, a dinâmica atmosférica regional e a influência do oceano atlântico (CONTI e FURLAN, 2008). O clima semiárido da região é caracterizado pelos baixos índices pluviométricos. As chuvas são escassas, irregulares e concentradas em poucos meses do ano, ou seja, são mal distribuídas ao longo do tempo e do espaço. Dessa forma, considerando a escassez das precipitações e as altas temperaturas, o déficit hídrico na região é severo.

A seca e seus efeitos são bastante retratados no livro “O Quinze”. A autora conta a miúdo o dilema das famílias sertanejas que enfrentam a escassez de água e vivem situações de extrema calamidade decorrentes dessa irregularidade hídrica, onde muitos diante dessas circunstâncias se veem obrigados a deixar o local onde mora em busca de melhor sobrevivência – o chamado êxodo rural.

A falta de chuva por um longo período de tempo provoca inúmeros impactos, que interferem grandemente na vida dos nordestinos afetados por esse fenômeno. Assim, entre as

consequências da seca podemos citar a perda da vegetação, assim como pela morte de gados e outros animais. Essa situação é mostrada na sua íntegra na obra literária de Queiroz, e em alguns trechos do livro a autora nos mostra como se encontrava a paisagem nesse período de escassez.

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreiras intermitentes por cima das folhas secas do chão que estalavam como papel queimado. O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza. Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapa à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e as cascas toda raspada em grandes zonas brancas. E o chão que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos (QUEIROZ, 1977, p. 7-8).

A vegetação da Caatinga abrange diversos tipos de agregações vegetais, originando assim a mata seca. Sobre isso, Conti e Furlan (2008) afirmam que,

A caatinga propriamente dita é uma mata seca que perde suas folhas durante a estação seca. Apenas o juazeiro, que possui raízes muito profundas para capturar água no subsolo, e algumas palmeiras não perdem as folhas. As plantas da caatinga estão adaptadas às condições climáticas e possuem várias adaptações fisiológicas para sobreviver à seca (CONTI e FURLAN, 2008, p. 176).

A vegetação ressequida do semiárido no período das secas provocava não só uma devastação na vida dos sertanejos que dependiam das chuvas para não escaparem dos seus lugares de afeto, como também uma desesperança religiosa. Na referida obra literária podemos ver que Chico Bento lamenta da sorte com Deus, como se estivesse atribuindo a Ele a causa da sua desgraça – “Ô sorte, meu Deus, comer cinza até cair morto de fome!” (QUEIROZ, 1977, p. 13).

Como podemos notar nos relatos da narrativa, no imaginário conhecido dos sertanejos, o fenômeno da seca é uma “lei da natureza”, ditada por Deus e que o único recurso para mitigar os seus efeitos é pedir inverno, cheios de esperança de ver a chuva cair no chão, devolvendo a vida e a alegria do sertão.

Ainda sobre isso Ab’Saber (2003, p. 95) afirma que “para o cotidiano do sertanejo e sobrevivência de sua família, o fator interferente mais grave reside nas irregularidades climáticas periódicas que assolam o espaço social dos sertões secos”.

Como discorre ainda o autor (2003), a irregularidade climática dos sertões torna mais difícil a vida dos sertanejos. No contexto do livro de Queiroz, a sociedade, na sua grande maioria dependia de recursos, como a agricultura e pecuária, para sua sobrevivência e quando se deparavam com uma seca, muitos não tinham alternativas a não ser abandonar suas terras e seus lares para não secar e morrer juntamente com as folhas da Caatinga (vegetação nativa).

Ainda em direção à obra de Queiroz – “Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só resta arribar. Sem legumes, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse” (QUEIROZ, 1977, p. 18). Os efeitos danosos dos extensos períodos de seca correspondem a um dos grandes fatores que desencadeiam as migrações nordestinas, pois, mesmo “amoldados” com a rusticidade permanente do clima, “os trabalhadores das Caatingas não podem conviver com a miséria, o desemprego aviltante, a ronda da fome e o drama familiar criado pelas secas prolongadas” (A‘B SÁBER, 2003, p. 95). Com isso, na tentativa de buscar uma vida melhor longe da aspereza da seca, muitos sertanejos migraram para outras regiões.

A outros que ficavam para enfrentar a dura situação restava apenas o desejo de fugir, porém o apego a sua terra natal, seu “pedaço de torrão no mundo” era mais forte, e isso lhes dava força para continuarem lutando. Assim,

Teve um súbito desejo de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue. [...] e pensou no seu isolamento na terra longínqua, no vácuo doloroso de afeição em que se iria debater o seu coração exilado (QUEIROZ, 1977, p. 32).

Em diversos trechos do livro, Queiroz relata a extrema fome que a seca provocou, a devastação era tamanha que além dos animais, muitas pessoas também morriam pela falta do que comer.

Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo do sujo saco vazio, na descarnada nudez das latas raspadas.

- Mãezinha, cadê a janta?

- Cala a boca, menino! Já vem!

- Vem lá o que!

[...] Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado...

[...] Só talvez um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol [...] Vicente contava agora a história de uma mulher conhecida que endoicera, quando viu os filhos morrendo à falta de comida (QUEIROZ, 1977, p. 33-34).

A apresentação da fome descrita no livro nos remete a uma extrema calamidade, uma situação de crise social, em que a falta d'água, comida e condições mínimas de sobrevivência transformaram os sertanejos em pessoas sem nenhuma perspectiva.

Nessa direção, cabe mencionar o livro do professor Josué de Castro¹, em que a temática da fome é apresentada e discutida de maneira ampla, no entendimento de um Brasil desigual em vários aspectos.

Com isso, esse livro mencionado pode, embora não seja o objeto aqui de análise, fazer parte de futuros trabalhos ou até mesmo ser discutido juntamente com a obra de Queiroz, visto que a temática da fome está intimamente relacionada a ambas as obras.

Mas, voltando à obra de Queiroz, vemos que a miséria causada pela seca estava refletida nos corpos descarnados, na boca seca, nos pés rachados daqueles que outrora foram felizes naquela terra. A luta para salvar os bens parecia vã, nada melhorava, pelo contrário, só se instaurava um caos ainda maior.

Em vão, mal amanhecia, iniciava-se a labuta sem descanso, e atravessava o dia todo no duro vaivém do serviço sem trégua, cavando aqui uma cacimba, consumindo partidas de caroço de algodão, levantando com suas próprias mãos, que o labor corajoso endurecera, as reses caídas de fraqueza e sede. Parecia entretanto, que o sol trazia dissolvido na sua luz algum veneno misterioso que vencia os cuidados mais pacientes, ressequia a frescura das irrigações, esterilizava o poder nutritivo do caroço, com tanto custo obtido [...] Morria tudo (QUEIROZ, 1977, p. 87).

Nesse trecho podemos ver o desespero de quem não via resultados satisfatórios nas ações depreendidas, a desesperança em ver a seca consumindo tudo, sem dó nem piedade, levando consigo as últimas migalhas que ainda restavam.

O romance "O Quinze" é o retrato da sede, da fome e da miséria vivida pelos nordestinos durante as secas. Em sua obra Queiroz conseguiu mostrar com clareza e riqueza de detalhes a situação da sociedade daquela época, expondo em suas páginas toda a problemática referente a esse momento.

¹ Josué de Castro escreveu - Geografia da Fome. Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1946, logo após o mundo conhecer as desgraças da Segunda Guerra Mundial. Nele, o autor realiza uma análise da conjuntura da fome, investigando esse fenômeno nos quinze anos anteriores a sua primeira publicação. Castro retrata os reflexos da fome em um Brasil subdesenvolvido que apresentava à época uma economia tipicamente colonial na qual se destacava o café e outros minguados produtos primários para exportação, e, nesse sentido, afirmava que fome e subdesenvolvimento são, na realidade, a mesma coisa (CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1983. 361p).

Sendo assim, o elemento geográfico de maior importância presente em (O Quinze) é a seca, e utilizar essa obra como aporte teórico na discussão dessa temática em sala de aula, vem a enriquecer as aulas de Geografia, tendo em vista que Raquel de Queiroz conseguiu mostrar através de sua obra o retrato da população assolada por um fenômeno natural (a seca)

que provocou um caos social, que, aliás, continua provocando. Dessa forma, a autora criou um cenário fictício, mas com grande representatividade da realidade e isso fica explícito pelas paisagens da seca, através da narrativa contada por ela, retratando assim um momento de realidade daqueles que passavam por tal problema. Afinal, não podemos esquecer que a Literatura, principalmente a modernista, tem como uma de suas várias funções a de denunciar a realidade.

Portanto, cabe ao professor criar e planejar situações para otimizar o processo de ensino-aprendizagem, e o mesmo deve, como forma de aproximar o aluno do meio em que ele está inserido, utilizar obras literárias, aqui “O Quinze”, facilitando o entendimento de um problema crônico, conhecido por todos, mas que afeta diretamente a quem esteja inserido nesse contexto de seca, e a escola não está separada da sociedade e nem do meio onde ela se localiza, o que justifica temáticas regionalistas, tendo na Literatura como recurso didático para a Geografia.

Considerações finais

Pensando a Geografia enquanto ciência e disciplina que busca o entendimento de como as sociedades estabelecem relações com o meio em que vivem e como desenvolvem suas atividades, em um processo contínuo de produção e reprodução deste meio, este trabalho buscou estabelecer um paralelo interdisciplinar com a Literatura, através da obra “O Quinze”, de Raquel de Queiroz.

Sendo assim, vimos que a referida obra de Queiroz se desenvolve tendo o sertão nordestino como cenário, uma obra regionalista, em que o olhar crítico para o fenômeno da seca é discutido, por meio do sertanejo, esse sendo um homem forte, valente e capaz de se adaptar às intempéries da vida.

Portanto, no contexto atual do ensino de Geografia, cabe a nós, educadores, estratégias diversificadas, incluindo a interdisciplinaridade entre as diferentes áreas, um meio de dinamizar as aulas, atraindo o aluno e colocando-o como protagonista do seu próprio conhecimento. Assim, compreendemos que a educação precisa acompanhar o ritmo das transformações que a sociedade vive, pois o ensino não deve ser desconexo do mundo em que o aluno está inserido.

Dessa forma, no intuito de auxiliar o docente, oferecemos como suporte metodológico e didático as obras literárias brasileiras, que podem ser usadas pela Geografia, por

considerarmos que toda obra literária tem por excelência um espaço geográfico, determinado por um recorte específico de tempo histórico, podendo ser um facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, podemos ver que a Literatura tem grande importância no ensino da Geografia, e que é possível trabalhar em sala de aula os aspectos geográficos que se sobressaem nas obras literárias, como a questão da seca por meio da obra de Raquel de Queiroz – “O Quinze”.

Em suma, concluímos que trabalhar a Geografia a partir das obras literárias regionais vem apresentar-se como uma prática de ensino interdisciplinar e importante tática metodológica e didática, no intuito de proporcionar ao aluno a captação dos aspectos geográficos a partir de um contexto literário próximo e vivido por ele, como o semiárido nordestino. Ainda cabe dizer que a crítica apresentada na obra nos leva à reflexão e isso gera diversas questões inerentes à Geografia, mostrando que tal obra pode ser trabalhada pelo professor na investigação de vários outros temas, não só da seca, embora essa tenha sido o tema central aqui exposto. Mas, como já mencionado, cabe ao professor estratégias diversificadas, até mesmo trabalhar o conceito de Paisagem e Lugar por meio da referida obra.

Referências

AB’SÁBER, Aziz Nacib. Caatingas: O domínio dos sertões secos. In: _____. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 83-100.

ALBUQUERQUE, Júnior, Durval Muniz de. Espaços da sociedade. In: _____. **A invenção do nordeste e outrora artes**. 3º ed. Recife: fjn. Massagana: São Paulo: Cortez, 2006. p. 65-182.

ANTUNES, W. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil: Circuito Campeão**. São Paulo, Global, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CONTI, José Bueno; FURLAN, Sueli Angelo. Geoecologia: o clima, os solos e a biota. In: ROSS, Jurandy L. Sanches (org.). **Geografia do Brasil**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil – 19ª Ed.** – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HELD, J. **O Imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica: Trad.**, 1980.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Humanismo e arte para uma Geografia do conhecimento**. In Anais do Primeiro Congresso de Historia do Pensamento Geográfico. Universidade Federal de Uberlândia, 28 a 30 de Abril de 2008.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da Literatura brasileira: prosa e ficção-1870-1920**.3.ed. Rio de Janeiro: 1973.

MORERA, Ruy. Ontologia. In: **Pensar e ser em Geografia**. 2ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2010. p. 131-182.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Educa. Lisboa, 2002.

PARAÍBA, GOVERNO DO ESTADO DA. Secretaria de Educação e Cultura, Inserção da disciplina no ensino fundamental e seus objetivos. In: **Referências Curriculares no Ensino Fundamental**. Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Socio-cultural. Governo do Estado da Paraíba, Secretaria de Educação e Cultura. Gerência Executiva da Educação Infantil e Ensino Fundamental. São Paulo, SEC/Grafset, 2010.

PONTUSCHKA, NidiaNacib; PAGANELLI ,TomokoIyda; CACETE, NúriaAnglei. Textos escritos. In:_____. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 217- 258.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 21ª ed. São Paulo. Livraria José Olimpo Editora (Coleção Sagrana, Vol.18) 1977.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. – 4ª Ed. 2ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006 – (coleção Milton Santos:1).

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento**. – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008.

TEIXEIRA, Ana Lucia. **Novas Linguagens no Ensino de Geografia**. 10º Encontro Regional de Prática de Ensino em Geografia. Setembro de2009, Porto Alegre. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20\(46\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20(46).pdf)>. Acesso em 27 de jan. 2020.

WELLEK, René. WARREN, Austin. **Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução Luís Carlos Borges; revisão da tradução Silvana Vieira; revisão técnica Valter Lellis Siqueira. – São Paulo: Martins Fontes, 2003 – (coleção leitura e crítica).

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 8ª ed., 1994.

Recebido em 24 de abril de 2020.

Aceito em 03 de julho de 2020.

Publicado em 08 de outubro de 2020.